

IMPORTÂNCIA E COMPETÊNCIAS REQUERIDAS DO TUTOR NO ENSINO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.

Reginaldo Reis de Santana
regymatrix@gmail.com

RESUMO

O artigo relata a importância do professor-tutor no ensino à distância como fator humano responsável por facilitar a transferência de aprendizagem. O ambiente de aprendizagem onde se dá o processo de ensino-aprendizagem. Sugere as competências que o tutor deve incorporar para que passe a ser um ator ativo e fonte motivadora no processo educacional. Além, de discernir sobre a relação de afetividade que pode ser construída com o estudante por meio de competências ou habilidades participativas.

Palavras-chave: tutor, tutoria, ensino a distância, aprendizagem

1. Introdução

A educação a distância pode ser considerada como umas das principais forças educacionais responsáveis pela democratização do ensino. É fácil visualizar como esse sistema educacional passa por momentos de ascensão e aceitação em todo o mundo, principalmente por suas características de flexibilidade e autonomia e de espaço dinâmico.

Na educação presencial temos vários obstáculos que limitam o acesso ao conhecimento. Barreiras conhecidas como: localização fixa, horário de estudo a cumprir, o professor como centro do saber, etc.

Diante desse novo cenário as tecnologias da informação e comunicação passaram a ter um papel primário no ambiente de aprendizagem e sem ela não seria possível quebrar as barreiras do ensino presencial.

Como sabemos no ensino a distância é fato, que as barreiras geográficas são em sua totalidade inexistentes e o fator tempo agora passa a ser um elemento flexível no processo, uma vez que não determinar o aluno seu cronograma de estudo. O aluno é responsável por elaborar seu próprio ritmo de estudos e local.

A tecnologia aparece, na cena educacional, como algo imprescindível e temível ao mesmo tempo. É preciso ensinar informática, é preciso pôr vídeos, mesmo que nem sempre se saiba para que, é preciso dinamizar as classes. (Litwin 2001, p. 20).

Ainda, os atores das instituições educacionais não são somente "consumidores", também são "produtores" de tecnologia: filmagens escolares, guias para observar um vídeo. (Litwin 2001, p. 27).

Mesmo com o uso das tecnologias e para que os alunos atuem de forma ativa o fator humano ainda continua sendo o principal elemento responsável por manter e motivar os estudantes durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Com base nesse fator humano, vemos que os tutores no ensino a distância por ter o contato direto com o aluno assume o papel de agente ativo motivador. No entanto, a grande questão a discutir é definir quais seriam as competências exigidas para que esse professor possa atuar de forma motivadora durante o processo de ensino a fim de criar uma afetividade.

O intuito é exibir o a importância do tutor no ensino a distância, destacar como o tutor se encaixa no ambiente de aprendizagem. Detalhar os principais fatores que contribuem para o processo de agregação de conhecimento no ambiente virtual.

Como também, verificar a importância de um relacionamento afetivo entre o tutor e estudante, como se dá essa construção afetiva uma vez que essa pode fazer de umas das habilidades exigidas para o tutor no ensino a distância.

Por último, relacionar as competências que o tutor deve possuir frente ao uso da tecnologia a fim de que possa ser um agente ativo e motivador dentro do ambiente de aprendizagem e durante todo o seu processo.

2. Tutor

O Ensino a Distância tem sido uns dos principais meios, recursos de propagação e disseminação de conhecimento para o aluno. Seguindo esse princípio vários autores considera os recursos tecnológicos como principal elemento facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Além dos recursos digitais, o que percebe é que os alunos precisam de elementos humanos para fortalecer e continuarem motivado durante seu aprendizado, logo vale destacar o orientador como principal responsável por essa otimização da aquisição do “saber”.

Assim, no ensino a distância conforme Belloni (2006, p 82), o professor não mais terá o prazer de desempenhar o papel principal numa peça que ele escreveu e também dirige, mas deverá saber sair do centro da cena para dar lugar a outros muitos atores – os estudantes – que desempenharão os papéis principais em uma peça que o professor poderá até dirigir, mas que foi escrita por vários atores.

De forma sucinta Belloni (2006, p 83) nos leva a seguinte definição do tutor: orienta o aluno em seus estudos relativos à disciplina pela qual é responsável, esclarece dúvidas e explica questões relativas ao conteúdo da disciplina; em geral participa das atividades da avaliação.

Para Silva (2009, p. 5), o papel do professor é redirecionado para facilitar os percursos de aprendizagem dos alunos nos ambientes digitais. Assim, os docentes atuam diretamente na troca e na construção mútua de fluxos de informação, visando á transformação da simples informação em conhecimento. Esse é o grande desafio da educação na era tecnológica: como ensinar os alunos a aprender a aprender de forma autônoma.

De forma mais específica Silva (2009, p. 6), descreve que o tutor é o professor que estabelece diretamente o diálogo com os alunos, usando recursos de interação, tais como: chats, fóruns de discussão, wikis, portfólios, no sentido de orientar os alunos no

processo de aprendizagem mediado pelos meios tecnológicos. O tutor tira as dúvidas do aluno, filtra as informações gerais para facilitar a aprendizagem dos aprendizes, atua na mediação da aprendizagem dos educando.

Então, é bom frisar que em toda a engrenagem do Ensino a Distância o tutor não elabora ou participa da produção de matérias, nem mesmo na revisão de linguagem do conteúdo uma vez que, essa e outras funções já são ofertadas a outros atores.

3. Ambientes de Aprendizagens

No Ensino a Distância sabe-se que o principal dispositivo de transferência de aprendizagem é os meios digitais de comunicação. Quanto a esse aspecto muitos autores descrevem e sugere o termo “Ambiente Virtual” ou “Ambientes Digitais” como uns dos principais espaços de ensino.

Ambientes Digitais de Aprendizagem são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de modo organizado, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. Almeida (2003, p 5).

Ainda, conforme Almeida (2003, p. 6), o gerenciamento desses ambientes diz respeito a diferentes aspectos, destacando-se a gestão das estratégias de comunicação e mobilização dos participantes, a gestão da participação dos alunos por meio do registro de produções, interações e caminhos percorridos, a gestão do apoio e orientação dos formadores aos alunos e a gestão da avaliação.

Santos (2003, p. 2), afere que um ambiente virtual é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem potencializando assim, a construção de conhecimento, logo a aprendizagem.

A própria Santos (2003, p 5), conceitua o ciberespaço como um ambiente de aprendizagem e define-o sua composição como elemento que reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias e interfaces. Essas mídias podem ser: jornal, revista, rádio. Cinema. TV e bem como uma pluralidade de interfaces que permitem comunicações síncronas e assíncronas a exemplo dos chats, listas e fóruns de discussão, blogs, dentre outros.

Nesse sentido, além de se estruturar como um ambiente virtual de aprendizagem universal que conecta redes sócio-técnico do mundo inteiro permite que grupos/sujeitos possam formar comunidades virtuais fundadas para fins bem específicos. Santos (2003, p 4).

Maciel (200, p. 4) enfoca mais ainda o uso dos recursos tecnológico e define o ambiente virtual de aprendizagem como à modalidade de educação a distância que utiliza como suporte o computador, a Web e as redes locais constituídas no espaço cibernético. Nesse contexto, o ambiente de aprendizagem viabiliza uma comunicação multidirecional que permite interações individuais e coletivas entre todos os envolvidos no projeto educativo. O ambiente virtual pode ser considerado como sendo um “dispositivo” de comunicação, de mediação de saberes, de formação midiaticizada.

4. O papel e importância da Tutoria no processo de ensino-aprendizagem

Diante do que vemos contextualizada sobre o ambiente de aprendizagem destacamos a importância do fator humano como ator provocador e facilitador no uso das tecnologias computacionais de forma eficiente. Além de que, externamente aos ambientes virtuais é preciso de algum ator que continue o processo de motivação junto aos alunos. Essa seria a função do tutor, pois tem um contato direto com o corpo discente e nesse aspecto deve atuar como fonte motivadora e facilitador do processo.

Vale lembrar, que na Educação a Distância são muitas as denominações recebidas pelo tutor: assistente, assessor, professor acompanhante, mentor, mediador, facilitador. Em todas elas, no entanto, há a demanda de procedimentos, estratégias e competências comuns. (Oliveira, Dias e Ferreira; 2004, p.2).

A tutoria surge da necessidade de que a nova escola que vemos se esboça com um professor que é orientador do estudo, ele guia o processo da aprendizagem e, ao invés de pesquisar pelo aluno, estimula-o a querer saber mais, desperta sua curiosidade sobre as questões das diversas disciplinas e encontra formas de motivá-lo e de tornar o estudo uma tarefa cada vez mais interessante (Ramal et al. 1999, p. 101).

Verificando o papel do professor no ensino presencial para Zabala (1998, p.4), A perspectiva denominada “tradicional” atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimento e controladores dos resultados obtidos. O professor ou os professores detém o saber e sua função consiste em informar e apresentar a meninos e meninas situações múltiplas de obtenção de conhecimentos, através de explicações, visitas a monumentos ou museus, projeções, leituras, etc. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício, entendido como uma cópia na memória do que se recebe através de diferentes canais.

O mesmo Zabala (1998, p. 91) nos fornece um fator que é usado pelo professor que também pode ser um fator relacional da tutoria, a de que o aluno compreenda o que faz depende, em boa medida, de que seu professor ou professora seja capaz de ajudá-lo a compreender, a dar sentido ao que tem entre mãos; que dizer, depende de como se apresenta, de como tenta motivá-lo, na medida em que lhe faz sentir que sua contribuição será necessária para aprender.

O que se espera do papel do professor-tutor é o de permitir que o aluno interiorize os jovens a adquirir autonomia suficiente – capacidade de aprender – que lhes permita continuar sua própria formação ao longo da vida profissional (Belloni, 2006, p.85).

Visto por Belloni a tutoria assume um papel e importância de principal personagem motivador da construção da autonomia do aluno. Uma vez que, é o tutor o ator que a todo o momento vai ter um diálogo direto com o aluno. E deve ser nesses momentos “corpo-a-corpo” que o tutor não deve não somente assumir a função de orientar, mas de agente motivador da busca do conhecimento.

5. Interatividade e Afetividade

Para Sousa e Sousa (2007, p. 5), nos ambientes virtuais de aprendizagem, as interfaces que proporcionam a interatividade são espaços importantes para a criação dos vínculos afetivos. Os bate-papos, por exemplo, são espaços ricos para a afetividade, pois, geralmente, são informais e a preocupação é muito mais com a comunicação do que com os possíveis problemas ortográficos ou gramaticais. Diversos temas podem se cruzar, diferentes conversas acontecem simultaneamente, gerando uma verdadeira polifonia. Tanto nos chats quanto nos fóruns de discussão, percebemos que cada fala é única, cada enunciado é diferente do anterior e do posterior, e cria algo novo. Isso faz com que percebamos a singularidade da situação dialógica e conseqüentemente as emoções e sentimentos podem ser expressos. Cada depoimento está encharcado de emoções, de experiência de vida, que é individual e, ao mesmo tempo, coletiva/social.

Em Oliveira (2009, p. 13), a tutoria exerce suas funções também no âmbito do afetivo, das atitudes e emoções. Sua ação deve se dá no sentido de observar as diferenças individuais, conhecer e estimular o aluno para que se identifique e se integre ao curso, evitando a ansiedade e a solidão. São essenciais também a comunicação individual, as demonstrações de aceitação e compreensão, o trabalho com as dificuldades, a consciência de que ambos são “aprendentes” e “ensinantes” nesse processo interativo.

O fato de estudarmos a afetividades importa-se que esse signo vai nos encorajar a descobrirmos adiante as principais competências requeridas pelo tutor a fim de que possa facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Baseado em Oliveira, Souza e Sousa a afetividade torna-se um estímulo para que o personagem tutor perceba quais as habilidades e atitudes que devem serem usadas para atuar no ambiente de aprendizagem não meramente como ator passivo do processo, mas como agente ativo.

Nos AVA segundo Oliveira (2009, p. 7), essa mediação se concretiza nas interações propostas em diversas interfaces, nas quais a comunicação se dá por meio da linguagem escrita, através da qual se estabelecem os diálogos e a interatividade, especialmente nos fóruns de discussão. Faz parte da ação mediadora da tutoria, a produção de vínculos afetivos através da escrita, sendo necessário para isso conhecer bem o aluno e seu perfil. Esses vínculos podem ajudar no sucesso do aluno.

Ainda, com relação a interatividade para que aconteça de fato, é necessário que os alunos do curso online, estejam muito atentos aos prazos das atividades ou sua participação será reduzida a um mero cumprimento de tarefa, o que o faz permanecer no curso, mas sem a qualidade que se deseja do aprendizado colaborativo, do diálogo que é compartilhar de sentidos e condução a novos sentidos (Oliveira, 2009, p. 5).

6. Recordando as Competências do Professor

Considerando o tutor como um ator subseqüente a profissão do professor interessa-se compreender as competências, habilidades sugeridas por esse ator a fim de que tenhamos um entendimento mais sólido das habilidades e atitudes exigidas pelo tutor.

Primeiramente as competências são significativas apenas quando se traduzem atos e quando estes assumem um sentido em função dos projetos que encarnam. (Perrenoud et al. 2001, p.89)

O domínio do conteúdo desde o quesito teórico a vivência prática pode ser considerado como principal habilidade do professor. Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier (2001, p. 16). Dramatizar quando descreve que ninguém dúvida de que, para ensinar é preciso dominar os saberes a ensinar. Os professores devem dominar os saberes a ensinar em seu estado nativo, no mais alto nível, integrando as últimas aquisições da pesquisa.

Em relação aos saberes Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier (2001, p.90) divide em dois tipos. Saberes do professor, que são construídos pelo próprio professor, ou que o professor julga serem apropriados; saberes transformados e construídos a partir de sua prática ou de experiência vividas no âmbito escolar. Esse conjunto de representações e de teorias pessoais serviria de fundamentos para avaliar a pertinência de saberes provenientes de outras fontes.

Ainda conforme Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier (2001, p; 90) o segundo saber, saber para o professor seriam elaborados por outras instâncias, em contextos distintos daquele professor, que deveriam sofrer múltiplas transformações para serem utilizados pelos professores em um contexto particular.

Perrenoud (2000), também, diserta sobre dez novas competências para ensinar. São elas: organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho, trabalhar em equipe, participar da administração escolar, informar e envolver os pais, utilizar novas tecnologias, enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão e administrar sua própria formação contínua.

Dessas dez competências damos destaque àquelas que estão mais relacionadas ao favorecimento da autônoma do aluno. Nesse contexto a primeira seria envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho e a segunda seria como administrar sua própria formação contínua.

Com relação a primeira competência escolhida o próprio Perrenoud (2000, p. 69), subdivide-a em outras competências específicas a saber: suscitar o desejo de aprender, explicitar a relação com o saber, o sentido de trabalho e a capacidade de auto-avaliação.

Ensinar no aspecto de suscitar o desejo de aprender seria reforçar a decisão de aprender, sem agir como se o aluno estivesse tomado de uma vez por todas. É não encerrar o aluno em uma concepção de ser sensato. Ensinar é também estimular o desejo de saber. Só se pode desejar saber ler, calcular de cabeça, falar alemão ou compreender o ciclo da água, quando se concebem esses conhecimentos e seus usos (Perrenoud 2000, p. 71).

O professor também deve favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno. É legítimo incitar uma criança a se interrogar, a fazer projetos, realizá-los, avaliá-los, com a condição de se lembrar de que este é um longo caminho e seria injusto e pouco eficaz fazer disso um pré-requisito para as outras aprendizagens. Se elas se inscreverem em um projeto pessoal a médio prazo, tanto melhor! Se não, a construção do sentido deve tomar outros caminhos. (Perrenoud, 2000, p.77).

Com relação à segunda competência, administrar sua própria formação contínua, Perrenoud (2000, p. 155) retrata que é preciso saber administrar sua própria formação contínua, pois nenhuma competência permanece adquirida por simples inércia. As competências não são pedras preciosas que se guardam em um cofre onde permanecem intactas, a espera do dia em que se precise delas. Organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho, trabalhar em equipe, participar da administração da escola, enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão: todas essas competências conservam-se graças a um exercício constante.

Apesar de o relato acima ser direcionado a crianças veremos mais adiante que o projeto pessoal no ensino a distância é um fator motivador, uma vez que sendo um ensino flexível acaba sendo necessários meios para lembrar o aluno do papel e das atitudes que devem assumir durante o processo de ensino-aprendizagem.

7. As competências do tutor

Anteriormente vimos que o professor deve estar ciente de seu papel e que esse acaba tornando-se ator principal no ambiente de aprendizagem. Agora devemos verificar quais seriam as competências requeridas para o tutor no ensino a distância.

Demo (1998, p. 200), destaca a importância crucial do professor na Educação a Distância, resume desta forma as competências que ele deve possuir: a “teleducação” não dispensa o professor, embora agregue a seu perfil outras exigências cruciais, como saber lidar com materiais didáticos produzidos com meios eletrônicos, trabalhar em ambientes diferentes daqueles formais da escola ou da universidade, acompanhar ritmos pessoais, conviver com sistemáticas diversificadas de avaliação.

O professor-tutor ele guia o processo de aprendizagem e, ao invés de pesquisar pelo aluno, estimula-o a querer saber mais, desperta sua curiosidade sobre as questões das diversas disciplinas e encontrar formas de motivá-lo e de tornar o estudo uma tarefa cada vez mais interessante. (RAMAL et al., 2009, p. 101).

Em Educação a Distância por ser uma aprendizagem autônoma o professor deverá torna-se parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento, isto é, em atividades de pesquisa e na busca da inovação pedagógica. (Belloni, 2006, p. 81).

Belloni (2006, p. 80), lembra ainda que, embora já ocupe sozinho o centro do palco, o professor continua sendo essencial para o processo educativo em todos os níveis, especialmente na escola primária e secundária, e que suas funções – ainda que multiplicadas e transformadas – continuam indispensáveis para o sucesso da aprendizagem. Os professores formam um grupo prioritário e estratégico para qualquer melhoria dos sistemas educacionais. Considerando o contexto mundial de mudanças aceleradas em todas as dimensões da vida social que exigem adaptações dos sistemas educacionais para atender a novas demandas.

Os profissionais de educação terão de desenvolver competências em quatro grandes áreas: cultura técnica, competências de comunicação, capacidade de trabalhar com método e capacidade de “capitalizar”. (Belloni, 2006, p. 87).

A cultura técnica significa um domínio mínimo de técnicas ligadas ao audiovisual e à informática, indispensáveis em situações educativas cada vez mais midiaticizadas. As competências de comunicação, necessárias não apenas porque a difusão dos suportes mediadores habitua os estudantes a uma certa qualidade comunicacional, ou a “bons” comunicadores. Já a capacidade de trabalhar seria sistematizar e formalizar procedimentos e métodos, necessária tanto para o trabalho em equipe como para alcançar os objetivos de qualidade e de produtividade. Por último, a capacidade de “capacidade de “capitalizar”, isto é, de traduzir e apresentar seus saberes e experiência de modo que outros possam aproveitá-los e, em retorno, saber aproveitar e adequar às suas necessidades o saber dos outros formadores, competência importantíssima para evitar a tendência, muito comum no campo educacional. (Belloni, 2006, p. 87).

Podemos ainda acrescentar dentre as competências do tutor àquelas definidas por Perrenoud (200), envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho e a como administrar sua própria formação contínua.

As competências aqui ditas têm o propósito de facilitar a visualização de como os atores no processo de ensino aprendizagem devem atuar e de que modo o professor-tutor tende a usar essas habilidades para torna a busca do conhecimento uma aventura encorajadora

Ao tutor, enfim, não basta o conhecimento do conteúdo a ser ensinado; é necessário que ele seja portador de competências de gestão de equipes e do processo de aprendizagem, e ainda detenha conhecimento das técnicas e dos recursos mais adequados a cada evento de ensino. (Sarmet e Abrahão, 2007, p. 5).

8. Considerações Finais

Com base nos pressupostos apresentados entende-se que a Educação a Distância junto a sua flexibilização esta proporcionando um novo modo de pensar e agir não somente por parte dos alunos, mas também por todos os elementos envolvidos no projeto de ensino em principal foco exigindo um perfil mais dinâmico do professor-tutor.

O professor-tutor, como vimos e diante da incorporação do uso das tecnologias da informação em todo ciclo de aprendizagem a distância é desenhado por muito atores como sujeito responsável por orientar o aluno e somente. O tutor não participar do planejamento do curso, nem tampouco participar do processo de construção de material didático das disciplinas a serem executas.

Esse papel tutor demonstra ser o tutor um sujeito passivo que somente esta a disposição do aluno para responder respostas que na maioria das vezes nem mesmo o estudante sabe definir.

O que propõem os teóricos é que o tutor expanda sua função de orientador e passe a ser de fato um agente ativo no processo de ensino. Para isso, é preciso que os mesmos passem a ter uma visão global dos meios tecnológicos e dos objetos que constituem o ambiente de aprendizagem, especificamente o ambiente virtual.

No ambiente virtual é preciso que o tutor potencialize o uso dos recursos computacionais a fim de que possam serem usados em sua totalidade e que não seja um elemento que dificulte, mas sim que motive o estudante.

Já do ponto de vista das competências requeridas para o tutor vemos que no mínimo o tutor deve possuir conhecimento técnico a fim de orientar seus alunos de forma segura, pois como o tutor vai orientar o estudante se o mesmo não tem o domínio do conteúdo. Em outro aspecto o tutor deve ser um parceiro do estudante e a todo o momento deve estar apto a estimular o envolvimento do aluno em sua aprendizagem. Uma vez que, o aluno está inserido em um ambiente flexível com relação a horário e local de estudo. Assim, o tutor passa a ser um limitador ativo de esta sempre lembrando o estudante de que esse deve continuar sua busca pelo conhecimento.

As outras competências estão em o tutor capitaliza o conhecimento de formar que possa transportar suas experiências no momento de orientação, ter competência de comunicação a fim de que possa manter a qualidade comunicacional.

Com toda essa discussão podemos afirmar que similar ao Ensino a Distância, o que percebemos é que o tutor não deve ser visualizado apenas como um mero executor do processo de ensino-aprendizagem. O tutor é o fator humano que mantém contato direto com o estudante, por isso, deve atuar de forma ativa e não deve ser subutilizado no ciclo educacional.

Ainda e por fim, o tutor concebido de suas responsabilidades pode ser o principal elemento responsável pelo sucesso ou fracasso de um curso. Fracasso, pois o tutor pode se suas competências não forem conhecidas e adquiridas passa de agente motivador a desmotivador. Entretanto, pode-se se torna no principal sujeito co-autor do sucesso do curso, por saber criar uma afetividade com o estudante de forma que se torne um motor contínuo de energia motivadora.

REFERÊNCIAS

LITWIN, Edith. Tecnologia Educacional: Política, histórias e propostas. São Paulo. SP: Ed. Artmed, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância. São Paulo: Ed. Autores Associados, 2006.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Múltiplos Papéis dos Professores na Educação a Distância e Práticas de Letramento Digital. Recife-PE: UFRPE, 2009.

MACIEL, Ira Maria. Educação a Distância. Ambiente Virtual: Construindo Significados.

SANTOS, Edméa Oliveira. Ambientes virtuais de aprendizagem: por autoria livre, plurais e gratuitas. In: Revista Fiebra, v.12, 2003.



ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. São Paulo: Portfícia Universiade Católica de São Paulo: 2003.

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1998.

OLIVEIRA, Carmem Lúcia de Araújo Paiva. Afetividade, aprendizagem e tutoria online. Alagoas: Revista Edapeci, 2009.

SOUZA, Elmara Pereira de., SOUZA, Adriana Santos. Formação continuada de professores: afetividade na interação online. Vitória da Conquista-BA: Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE16, 2007.

PERRENOUD, Philippe. Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre-RS: Ed. Artmed, 2000.

PERRENOUD, Philippe., PAQUAY, Léopold., ALTET, Marguerite., CHARLIER, Évelyne. Formando Professores Profissionais: Quais estratégias, quais competências?. Porto Alegre – RS: Ed. Artmed, 2001.

DEMO, Pedro. Questões para Teleducação. Petrópolis: Vozes, 1998.